

GONÇALO M. TAVARES

Em menos de três anos, 14 livros. Por acaso costuma dormir?

Durmo as horas normais, seis, sete. Tem que ver com uma certa disciplina e, principalmente, saber bem, e desde cedo, o que mais queria. Ou seja, ter dito um sim a alguma coisa. E, de algum modo, perceber que a coisa que mais me satisfaz é ler e escrever.

Tem recebido grandes prémios, entre eles o da APE e o Ler/Millennium BCP. Um estímulo logo numa fase inicial?

É bom receber prémios mas não tiveram influência. Escrevo com intensidade desde os 18 anos. Publiquei o meu primeiro livro aos 31 (*Livro da Dança*). Todo o meu percurso de vários anos de escrita solitária, foi isso, sem qualquer estímulo do exterior, sempre, no entanto, com um estímulo interior que se prende com a necessidade de escrever. O que valorizo mais no meu percurso é o tempo em que ninguém estava a olhar para mim e eu a fazer coisas.

À velocidade que publica, sem perder qualidade, considera-se um fenómeno, um prodígio?

Quando comecei a editar já tinha alguns livros escritos. E escrevo muito rápido. O que demora tempo é rever, suar até o texto ficar o mais curto possível. Se conseguir dizer as coisas em dez palavras em vez de quinze... Quanto ao resto, tenho confiança no que faço.

Costuma aplicar a técnica da escrita fragmentada. Uma fórmula pensada para lhe facilitar a rapidez?

Tento não pensar antes de escrever. Procuro que escrever seja a tradução de pensar ao mesmo tempo, que haja o mínimo de diferença em termos de tempo.

Influenciado pela filosofia de Hegel, em busca da síntese?

Revejo-me mais naquela imagem de Jacques Tati, em *Há Festa na Aldeia*, quando o carteiro fica entusiasmado com os carteiros dos EUA e anda na sua pequena bicicleta sempre a dizer no meio da confusão: «Velocité, velocité».

No seu caso, não será um misto de filósofo e de Tati? Não há um processo de investigação filosófica na poesia que faz e na prosa? Leia-se o seu livro *Biblioteca*, por exemplo...

Tenho muito respeito pelos filósofos e pela filosofia. E a palavra investigação agrada-me. Investigar, tentar perceber. O filósofo, se calhar, está marcado pela ideia de verdade ou de tentar perceber a verdade. Quero perceber mas não no sentido de apanhar uma verdade. Pergunto-me muitas vezes: se encontrar a verdade, que farei no dia a seguir? Não quero descobrir a verdade; quero descobrir

um infinito de mentiras, que são as ficções. Descobrir um infinito de ficções, porque, de certa maneira, e por exclusão, vou descobrir a verdade.

A mentira é mais sedutora?

Se procurar as melhores ficções, uma mentira que nos faça pensar, nunca tenho o trabalho terminado. É a grande vantagem.

Na velocidade da escrita procura a eternidade?

Desejo ser lido pelas pessoas mais interessantes que andam por aí, por todos os países.

Não escreve para agora?

Claro que escrevo para agora. Mas o grande critério de qualidade de qualquer escrita é o de um livro que irá ser lido daqui a cem anos pelas pessoas mais inteligentes. É ótimo ter leitores, mas é muito melhor ter releitores.

Uma forma de construir a imortalidade?

Uma forma de encarar a literatura e a escrita. Assumir que uma coisa para fazer sentido hoje tem de fazer sentido daqui a cem anos. Gostava, sobretudo, de conseguir que os meus livros fossem contemporâneos dos antigos e dos futuros.

Por isso aborda temáticas intemporais sobre a complexidade do Ser?

Não tenho um pensamento prévio do género: agora vou tratar da guerra ou da problemática do Eu.

Mas trata do Eu, do amor...

É instintivo. São temas que marcam e vão atravessar todos os séculos. Há tendência a pensar-se que o atual é o jornal acabado de sair. O meu conceito de atual liga-se, por exemplo, a Séneca, que há dois mil anos escreveu *Cartas a Lucílio* e se mantém atual. O atual em literatura é isso: atual hoje, amanhã, depois de amanhã. Espero ser atual daqui a dez e daqui a cem anos.

A literatura pode ajudar a construir e a modificar comportamentos?

É de todas as artes a que pode marcar mais fundo a individualidade e a personalidade. Sem os livros que li, seria completamente diferente.

Recorda-se de um livro que o tenha levado a repensar o modo de estar na vida?

Não se acaba de ler um livro e diz-se: agora sou outro. São pequenos somatórios. Se lermos um livro importante, depois outro, que tocam coisas essenciais, a relação com os outros, o perceber a morte...

Já conseguiu perceber a morte?

Não. Mas talvez a única coisa em que acho que sou filósofo é esta: todos os dias penso que posso morrer.

Essa é de La Palice...

Não é. Uma coisa é dizer-se: sei que vou morrer, outra é percebermos que podemos morrer hoje. Se percebermos isso, o tipo de decisões que tomamos será diferente. Cedo percebi o que é fundamental, o que é urgente e o que é secundário. Pagar a conta de eletricidade é urgente mas não nos muda. Para mim, essencial é escrever um livro.

Imagine-se ministro ou secretário de Estado. Com que urgências lidaria?

Guardo sempre uma distância de segurança em relação à política. A distância permite que possamos fazer coisas que são políticas mas não conjunturais. Interessa-me mais a política do ser humano.

E a política do ser humano não passa pelos governos?

A maior parte dos políticos não se trabalhou minimamente. Estou a trabalhar-me e não me sinto preparado para tratar da cidade, nem do problema das relações entre as pessoas. Estou a tentar perceber o que sou, e a tentar perceber os crápulas que às vezes os homens são; a tentar perceber, também, alguns gestos bondosos, surpreendentes. É uma construção. Talvez esteja preparado para a política aos oitenta anos se continuar a construir-me interior e individualmente.

Já viu um Conselho de Ministros em que todos tivessem oitenta anos?

Seria um governo ainda mais rápido do que os atuais.

Tem a preocupação de levar o leitor a pensar?

Gosto de ter bons leitores e, de certa maneira, tal como um leitor escolhe os seus livros, um escritor escolhe os seus leitores. Cada livro escolhe os seus leitores.

Sabe quem são os seus leitores?

Os que entram nos livros e a quem esses livros dizem alguma coisa. Livros meus poderão ter um tipo de leitores e outros terão outro.

Ao lançar diferentes títulos em simultâneo – acabam de surgir *Jerusalém, O Senhor Juarroz, O Senhor Brecht, A Perna Esquerda de Paris seguido de Roland Barthes e Robert Musil e o de Poesia I* – é para captar públicos diversos?

Quando escrevo não penso em nada. É uma coisa inconsciente. Peço desculpa, mas quando escrevo não penso em ninguém.

Compulsivo?

Compulsivo, porque aborreço as pessoas que estão à volta se não escrevo dois ou três dias. Mas escrever é, em mim, muito mais natural do que falar.

Como é que a família o atura?

Tenho uma família ótima.

Gosta de isolar-se?

Isolo-me cada vez mais. Contacto pouco com pessoas e isso é que me mantém a gostar delas. Nos grupos sinto não haver um instinto natural. Do momento em que Jesus Cristo carregava a cruz e foi cuspidor, insultado pela multidão, *Kierkegaard* diz: se um daqueles

homens que o insultou estivesse a sós com Jesus Cristo nem conseguiria levantar os olhos para ele. Sinto isso cada vez mais e assusta-me.

O homem é mais verdadeiro quando está sozinho?

É muito mais humano. Quando se junta a outras pessoas começa a ganhar desumanidade.

A relação com os outros deveria humanizar-nos...

As grandes qualidades do homem vêm-se quando está sozinho. Mas também os grandes perigos. O isolamento constrói monstros e santos, porém, o isolamento é essencial. Aquela ideia de quarenta dias no deserto é fundamental. Quando alguém diz que não gosta de estar sozinho, dou logo um passo atrás. Quem não gosta de estar sozinho é uma péssima companhia.

Gosta de si?

Não particularmente. Escrevo quase por uma incapacidade funcional de ser santo. Várias vezes me chamo covarde por não estar a fazer determinadas coisas de entrega pessoal. A única hierarquia em que coloco os seres humanos é a das pessoas claramente boas em termos de dar alguma coisa aos outros.

Persegue o objetivo de ser santo?

Não, porque é como alguém coxo querer correr cem metros em menos de dez segundos. Sinto que intimamente não sou isso, não me consigo entregar por completo aos outros. Respeito as pessoas, aperfeiçoo pormenores mas sou incapaz de fazer coisas que algumas

peças fazem: dar o seu tempo aos outros. E tenho vergonha de não ser capaz.

Quando dá o seu tempo à escrita, não está a dá-lo aos outros?

Mas não sou tão ingénuo nem mentiroso que diga que é por altruísmo. Sou uma mistura de uma série de coisas e vai resultando qualquer coisa nos livros que tem que ver com essa mistura.

A sua formação académica e profissional em Motricidade Humana implica o corpo, substantivo que entra muito na sua obra literária. O corpo é também uma mistura?

Detesto palavras que não sejam substantivas, ou, quando as uso, é para sabotar. A literatura também deve sabotar. Prefiro, no entanto, utilizar palavras que representam alguma coisa do mundo.

Corpo, nomeadamente o corpo literário, não se prende com o belo?

Em literatura, uma das minhas palavras inimigas é: beleza. A má literatura começa com a frase bela ou com a frase moral. A frase moralista é um suicídio da literatura. Belo, para mim, é aquilo que provoca. A questão é: que faço com a beleza? Se não faço nada, então não é belo, é feio. Adoro a palavra fazer. Fazer é ação.

Não tem necessidade da metáfora?

Simbolismo é uma canseira. Dizer copo quando quero dizer Presidente da República parece-me um absurdo. Outra coisa são as associações e a metáfora é uma associação. O copo pode ser uma casa, por exemplo, uma casa da água. Isso interessa-me. Mascarar as palavras, não.

O poeta Paul Valéry usava a palavra como encantamento. Quando escreveu *O Senhor Valéry* tinha-o no pensamento?

Sim, mas há uma série de escritores de que gosto tanto que já os esqueci. Quando se recebe algo de alguém, o melhor é fazer alguma coisa com o que se recebeu. É nesse sentido que digo esquecer.

Sente-se um escritor da nova geração?

O mais importante, em termos de escrita, é a geração interior. Posso saltar dois mil anos em dois minutos. Posso estar a ler Aristóteles e passar para um livro saído há dois meses de um autor contemporâneo. Vejo assim o mundo, todo ligado. Faz-me impressão a separação das coisas, aquela ideia de que para perceber tenho de dividir.

Como se chega à interioridade, não é desmontando as coisas?

É ligando. O que interessa na literatura não será tanto os acontecimentos mas como é que as personagens reagem aos acontecimentos e qual a reflexão a partir dos acontecimentos. A literatura é o espaço do pensamento. A vantagem da literatura é que posso parar na página tal uma hora ou um ano. Faz falta parar. Os livros devem pôr questões e não soluções. Se cada livro fizer as pessoas mudar ligeiramente será ótimo.

Daí estar próximo de Novalis?

De Novalis e de outros autores. Novalis é, de certo forma, um autor da ligação. A literatura não é para nos dar acontecimentos, esse relato cabe aos jornais.

Literatura é, sobretudo, imaginação?

Imaginação é outra palavra fabulosa. Uma das tarefas fundamentais do escritor é poder encantar as pessoas. Exijo exercer o direito do lúdico, de explorar a linguagem, de construir personagens paradoxais, mas também tenho o dever de desencantar. E pode ser um desencanto produtivo.

Desencantar para dar um safanão nas almas?

Para criar mundos que façam as pessoas pensar. Tem que ver com interrompermos a canção para se dizer: olhem, estão aí todos divertidos mas venham cá, vejam aquela senhora que acaba de ser atropelada. Se os escritores não fizerem isso, quem vai fazer? Os políticos não o fazem.

Há em si uma raiz cristã?

Não me vejo religioso. A ideia do livro único na religião cristã afasta-me da religião. O que me agrada são as várias hipóteses. Entrar com uma série de livros profanos numa igreja (já o fiz) dá a marca do meu afastamento em relação à igreja. Mas atrai-me a ideia de dar um passo ao lado para ganhar um lugar de observação. Sinto-me muito longe do burburinho.

Ao escrever *Jerusalém*, editado agora, sentiu-se num caminho místico?

Jerusalém não é um espaço geográfico, é uma palavra que tem energia. Não me interessa a questão geográfica ou factual, interessa-me a energia da palavra.

Que reflexão propõe aos leitores com a palavra Jerusalém?

Vem dessa palavra uma violência e ao mesmo tempo um convite bom. É uma palavra muito intensa porque podemos pôr dentro dela coisas positivas muito fortes e coisas negativas muito fortes. Tem uma intensidade que agrupa pólos opostos.

Quando elegeu essa palavra para título de um dos seus novos livros, não pensou nas questões religiosas?

O título vem de uma citação bíblica. «Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita». Vem daí, mas o fundamental tem que ver com a intensidade das palavras. Se falar da energia de uma cidade, em qualquer tempo estou em frente a essa cidade. Se falar de uma cidade estática, passado um tempo essa cidade já não está à minha frente, portanto, o livro já não é atual.

Atualmente, Jerusalém tem uma energia mais negativa ou mais positiva?

Tem as duas. Espantoso é como passaram milhares de anos e os conflitos são iguais. Isso é assustador. Como se conseguiu, de geração para geração, avanços materiais, tecnológicos, e os conflitos são os mesmos? Aristóteles fez uma descrição perfeita e atual do habitante de hoje de Nova Iorque e apanhou, também, o habitante de Jerusalém, mas não apanhou a forma tecnológica como se matam uns aos outros.

Paradoxalmente, mata-se em nome do material e do espiritual...

A palavra espiritual é complicada porque tem uma série de sentidos. A questão é que os nossos filhos têm logo à disposição a tecnologia mais recente e seria interessante terem, também, a cabeça mais recente, a cabeça em termos de relação com os outros homens. Uma descoberta tecnológica é logo difundida. Seria bom que uma invenção mental tivesse a mesma expansão. Seria interessante que as ideias pudessem ser materializadas. E a ética.

Como materializar e expandir a ética?

Paralelamente à evolução da tecnologia, há a evolução das leis. Na maior parte dos países, as leis tentam proteger as pessoas mais fracas, mas sente-se que essas leis são uma mentira coletiva. Não entram no homem individual. O coletivo impõe-se ao indivíduo.

Precisamos de normas...

Ter de haver uma norma coletiva é uma grande desilusão quanto à esperança no indivíduo. Era importante termos a esperança de que não fossem necessárias leis, que cada Homem, de modo individual e em relação ao outro, tivesse comportamentos que fizessem com que todas as pessoas saíssem tranquilamente da situação. A ideia da lei prende-se com o fracasso individual.

Como lida com a fama?

Não há isso em literatura. Tudo irá passar para outra fase, o que importa são os livros. A única coisa que cedo percebi é a questão do tempo, perceber bem o que é o tempo, não perder tempo. O tempo dá-me prazer quando sou eu a decidir sobre ele.

Sendo jovem não lhe apetece às vezes perder tempo ou não pensar no tempo?

Os mais sensatos são os moribundos. Uma pessoa à beira de morrer diz: «dêem-me tempo, quero tempo.».

Até à situação limite, o corpo vai-nos enganando?

E nós vamos enganando o corpo. A relação do corpo com a própria vida é complicada. A hipótese de se morrer subitamente dá-nos essa ideia de que nem sequer podemos confiar no nosso corpo. Desconfio do corpo.

Perturba-o ser vencido pelo tempo?

Perturba-me. Nunca percebi o passatempo.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

(DN, 5 DEZEMBRO 2004)